

5

A igreja, sacramento de salvação

5.1

Introdução

Cristo é a luz dos povos. Por isso, este sagrado Concílio, congregado no Espírito Santo, deseja ardentemente que a luz de Cristo, refletida na face da Igreja ilumine todos os homens, anunciando o Evangelho a toda criatura (cf. Mc 16,15). E, porque a Igreja é em Cristo, como que sacramento, isto é, sinal e instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo gênero humano, retomando o ensino dos concílios anteriores, propõe-se explicar com maior clareza aos fiéis do mundo inteiro, a sua natureza e missão universal⁴²⁶.

O derramamento do Espírito sobre os apóstolos reunidos em Jerusalém, no acontecimento de Pentecostes, constitui um evento importantíssimo para a realização da Igreja no Novo Testamento. Ele constitui a manifestação pública da sua natureza e da sua presença no mundo⁴²⁷. Nele encontramos aquilo que caracterizou a eclesiologia do Vaticano II: a comunhão, princípio fundamental que valoriza a diversidade das igrejas particulares, mas que as congrega em torno de uma única convicção, a fé em Jesus Cristo.

Não existe, no Novo Testamento, uma uniformidade de compreensão a respeito da Igreja. Pode-se constatar que, de acordo com os diversos autores e livros da Sagrada Escritura, existe também uma variedade de percepções sobre pontos que afetam a natureza e a missão da comunidade de fé. Essa diversidade não significa necessariamente uma contradição, mas impõe um desafio quando se pretende chegar a uma harmonia entre as diversas visões.

De fato, todas essas interpretações têm um mesmo fundamento, a fé em Jesus Cristo. Todos crêem firmemente pertencer à comunidade dos discípulos do Senhor, comunidade de salvação que vem de Deus e está ligada à promessa do

⁴²⁶ Cf. LG 1.

⁴²⁷ Não há, entre os teólogos, uma uniformidade de pensamento sobre o momento exato do surgimento da Igreja. Uns colocam-no no momento em que Jesus convoca e institui o grupo dos Doze apóstolos; outros, no momento da cruz quando, transpassado pela lança, jorraram de seu peito aberto sangue e água; outros ainda encontram na ceia eucarística o momento do seu surgimento, expressão de um novo culto e, portanto, de uma nova religião. Esta variedade de interpretações é devida às diferentes possibilidades de leitura global que se pode fazer do mistério pascal de Cristo. Cf. TILLARD, J. M. R. *Iglesia de Iglesias*. Salamanca: Ed. Sígueme. 1999, p.14-15. Segundo a Encíclica *Mystici Corporis*, “o divino Redentor começou a fábrica do templo místico da Igreja, quando na sua pregação ensinou os seus mandamentos; concluiu-a quando, glorificado, pendeu da Cruz; manifestou-a enfim e promulgou-a quando mandou sobre os discípulos visivelmente o Espírito paráclito” (MC 25). Já na *Lumen Gentium* lemos: “descendo sobre os apóstolos, o Espírito Santo deu início à Igreja” (LG 19).

Reino, nasce da fé e está encarregada de anunciar a boa nova. No entanto, apesar dos elementos em comum, também é possível encontrar várias diferenças sobre o ser e a práxis eclesiais.

Neste contexto, entendemos que um olhar atento, à procura de uma definição ontológica para a Igreja, não pode se deter única e exclusivamente nos dogmas de fé existentes hoje e/ ou em algumas contribuições exegéticas, mas que é preciso um retorno às origens da tradição cristã para compreender a caminhada e o processo pelos quais se desenvolveram tais definições ⁴²⁸.

A temática da Igreja como sacramento de salvação passa também pela experiência da comunhão. Valoriza a vocação e a atuação de todos os cristãos, seja na Igreja ou na sociedade, e reconhece que todos são membros do mesmo Povo de Deus e, por isso, possuem dignidade e responsabilidade, cada um segundo a sua vocação e carisma próprios.

Nossa proposta neste quarto capítulo é desenvolver o tema central do nosso trabalho: em que sentido a Igreja é sacramento de salvação? Quais as suas implicações para a teologia e pastoral das comunidades de fé? É o que nos propomos a abordar nesta seção da nossa pesquisa.

5.2

Sacramentos, prolongamento da sacramentalidade de Cristo

Cristo é o sacramento primordial, o sinal de Deus por excelência ⁴²⁹. Aquele sobre quem está estabelecida toda a realidade da salvação, o único nome debaixo do céu pelo qual podemos ser salvos ⁴³⁰. Sua vida é a própria manifestação do amor de Deus pela humanidade. Ao encarnar-se, o Filho de Deus tornou-se homem como nós e no encontro com ele temos um encontro com o Deus vivo, pois aquele homem é, pessoalmente, o Filho de Deus, o sacramento revelador do Pai no meio da humanidade ⁴³¹.

Mas esta afirmação nos coloca diante de um problema: como podemos encontrar o Senhor glorificado se após a sua ressurreição e glorificação ele

⁴²⁸ Cf. TILLARD, J. M. R., *Iglesia de Iglesias...*, p. 11-13.

⁴²⁹ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Cristo, sacramento do encontro...*, p. 20.

⁴³⁰ Cf. At 4,12.

⁴³¹ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Cristo, sacramento do encontro...*, p. 47.

desapareceu do nosso horizonte visível? Porventura a salvação teria cessado com o retorno de Cristo para junto do Pai? Se não, como continua a realizá-la?

Após sua ressurreição e ascensão, “Cristo torna sua presença ativa de graça visível e palpável entre nós, não diretamente por sua corporeidade, mas prolongando, por assim dizer, sua corporeidade celeste sobre a terra, em formas de manifestações visíveis, que exercem entre nós a ação de seu corpo celeste. São precisamente os *sacramentos* o prolongamento terrestre do corpo do Senhor. E concretamente, a Igreja.⁴³² Assim como Cristo é o sacramento do Pai, a Igreja é o sacramento de Cristo.

O retorno de Cristo para junto do Pai, por ocasião da sua ascensão⁴³³, não foi o fim da sua missão salvífica junto a nós. Antes, a sua realização plena. Seu desaparecimento e glorificação constituem a antecipação da nossa união corporal glorificada com o Senhor, inaugurada pela Parusia, o ponto final e eterno de toda vida cristã. Precede, por assim dizer, a nossa divinização, isto é, a perfeita união do ser humano com Deus. Por sua glorificação Cristo preparou-nos uma morada⁴³⁴ junto do Pai⁴³⁵.

A vida cristã é um constante advento. Aguardamos vigilantes o retorno glorioso do Senhor e a implantação definitiva do seu Reino. Sofremos como em dores de parto o dia-a-dia da espera por esta manifestação definitiva, cuja realização não sabemos como e quando se dará⁴³⁶. Enquanto somos parcialmente privados deste encontro pessoal com Jesus Cristo, vemos como num espelho, marchando para o encontro e ansiando pelo dia em que o veremos face-a-face⁴³⁷.

Esta espera pelo encontro em plenitude só é compreensível porque já temos, em certa medida, o Cristo glorificado, não apenas pela lembrança dos fatos acontecidos no passado, ou tão somente por uma fé imaginária, mas porque Cristo também torna sua presença ativa e palpável entre nós, não diretamente por sua corporeidade, mas pelos sinais concretos e eficazes da sua graça, prolongamentos de sua corporeidade, denominados sacramentos.

A resposta do porque ou para que existem esses prolongamentos estão na própria pedagogia de salvação: Deus sempre nos propôs o Reino dos céus de uma

⁴³² Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Cristo, sacramento do encontro...*, p. 48.

⁴³³ Cf. At 1, 6-11.

⁴³⁴ Cf. Jo 14,2.

⁴³⁵ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Cristo, sacramento do encontro...*, p. 48.

⁴³⁶ Cf. Mt 24,36.

⁴³⁷ Cf. 1Cor 13,12; SCHILLEBEECKX, E., *Cristo, sacramento do encontro...*, p. 48.

maneira terrena, sob formas e manifestações humanas. Se não fosse assim, um aspecto profundamente humano da encarnação de Deus teria se perdido por não conseguirmos atingir e compreender a sua comunicação a nós⁴³⁸. Não bastaria a boa vontade de Deus em se comunicar a nós ao se encarnar se não pudéssemos compreender e aceitar a sua proposta de salvação.

Encontro humano inclui reciprocidade. É verdade que por sua humanidade glorificada Cristo celeste pode atingir e influenciar a todos. Mas nós, seres humanos, não podemos encontrá-lo em sua carne viva por causa da sua invisibilidade. Daí se segue que se Cristo não der, de uma maneira ou de outra, a sua corporeidade celeste uma visibilidade no plano de nosso mundo, sua redenção não acontecerá mais para nós. Sua mediação humana seria sem significado e uma vez realizada a redenção, a humanidade de Cristo não teria mais sentido de continuar a existir⁴³⁹.

O mistério da redenção através da corporeidade se fundamenta no próprio mistério da encarnação e da redenção cristã. Na pessoa de Cristo, a corporalidade se tornou fonte de glória, redenção e santificação para nós⁴⁴⁰. Toda convivência, inter-relação e comunicação humanas só são possíveis dentro e pela corporeidade. Ela é condição necessária nos relacionamentos humanos.

Segundo E. Schillebeeckx, a possibilidade de nos influenciar por sua graça como homem é dada pela ressurreição. Isto tem uma importância capital. Temos sempre a tendência de dissolver a vida humana de Cristo e olhar para além da sua humanidade, para sua divindade. Mas é enquanto homem que Cristo é mediador de graça, em sua humanidade e segundo sua humanidade⁴⁴¹. Sua mediação de graça supõe sua corporeidade. Em outras palavras, é a humanidade de Cristo que o permite influenciar-nos⁴⁴².

Aqui entendemos o porque se tornou necessário tratar dos símbolos no primeiro capítulo deste nosso trabalho. Eles constituem como que a matéria prima da Revelação cristã. Um elemento de característica essencial para a compreensão da economia sacramental. Da mesma forma, entendemos o porque da necessidade dos sacramentos. Eles constituem a face da redenção voltada para nós, a forma

⁴³⁸ Cf. Ibid., p. 49.

⁴³⁹ Cf. Ibid., p. 50.

⁴⁴⁰ Cf. Catequeses de João Paulo II em 21/07/82 em <http://www.vatican.va>.

⁴⁴¹ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Cristo, sacramento do encontro...*, p. 49.

⁴⁴² Cf. Ibid., p. 50.

pela qual encontramos o Cristo vivo após a sua ascensão e glorificação celeste. Assim que o sacramento primordial deixou o mundo, por ocasião da sua ascensão, entrou em ação, como prolongamento da encarnação, a Igreja, que por sua vez, nos possibilita os outros sacramentos⁴⁴³.

A sacramentalidade lança uma ponte sobre o afastamento ou desproporção que existe entre o Cristo celeste e a humanidade não glorificada, e torna possível o encontro humano recíproco entre Cristo e a humanidade, após a sua ascensão. A existência e religiosidade cristãs são necessariamente uma existência e religiosidade sacramentais. A economia sacramental é parte integrante e constitutiva do seu ser. E encontra como fundamento a própria revelação do Cristo feito homem⁴⁴⁴.

Esta necessidade, ao mesmo tempo antropológica e cristológica, “mostra que os sacramentos da Igreja não são *coisas*, mas encontros de homens sobre a terra com o homem glorificado⁴⁴⁵, Jesus, mediante uma forma visível. São, na dimensão da visibilidade histórica, uma manifestação concreta do ato de salvação celeste de Jesus Cristo”⁴⁴⁶.

Os sacramentos nos permitem entrar em contato vivo com o próprio mistério santificante de Cristo. Sob o véu terrestre os sacramentos são esse mistério da manifestação terrestre da salvação cristã⁴⁴⁷.

Embora a atual presença de Cristo seja ainda uma presença abscondita e muito provisória, ela nos impele para o encontro pleno e desvelado com ele face-a-face, para estar plenamente junto de Deus. Essa presença provisória, mas real e pessoal, é atestada e realizada por Cristo através desses sinais palpáveis, que a fé percebe como lugares fidedignos de sua ativa presença no Espírito, entre os quais está a Igreja, comunidade dos fiéis, Corpo de Cristo, templo vivo da Graça de Deus⁴⁴⁸.

⁴⁴³ Cf. Ibid., p. 51.

⁴⁴⁴ Cf. Ibid., p. 51.

⁴⁴⁵ Esta afirmação é de grande importância para a teologia pastoral sacramental. A compreensão dos sacramentos, não como “coisas”, mas como “encontro” exige necessariamente uma catequese mistagógica e menos sacramentalista; A experiência da fé passa a ter como foco não o “objeto” em si, mas aquele que se pode conhecer por meio do “objeto”. A consequência prática dessa idéia será uma Igreja mais consciente da sua missão e comprometida no discipulado de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é proposta da última conferência do Conselho Episcopal Latino Americano, em Aparecida/SP.

⁴⁴⁶ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Cristo, sacramento do encontro...*, p. 52.

⁴⁴⁷ Cf. Ibid., p. 52.

⁴⁴⁸ Cf. SCHNEIDER, T., op. cit., vol. 1. p. 388.

“A Igreja terrestre é a aparição dessa realidade de salvação no plano da visibilidade histórica. Ela é a comunidade visível da graça” ⁴⁴⁹, “manifestação visível da graça redentora de Cristo na figura de um sinal social”. “Ela é, pois, de modo quase idêntico, “o Corpo do Senhor”” ⁴⁵⁰, o “sacramento primordial” ⁴⁵¹ de Cristo.

Assim, a Igreja aparece como o próprio “braço” de Cristo, que perpetua na história sua ação salvadora, concretizada no sacrifício da cruz e corroborada por sua ressurreição e glorificação pelo Pai.

A compreensão da Igreja como sacramento tornou-se uma das principais categorias da eclesiologia atual, situando-se inclusive entre as mais adequadas quando se trata de exprimir a profunda ligação da Igreja com o mistério de Cristo, os aspectos visíveis e invisíveis da sua constituição natural, bem como para designar a sua índole missionária e sua designação como servidora da humanidade.

Mas em que sentido a Igreja é o sacramento de Cristo? Sendo sacramento, a Igreja é um prolongamento da corporeidade de Cristo sobre a terra. Para que existe esse prolongamento? Quais as implicações desse pensamento para a doutrina e para a pastoral da Igreja?

5.3

A Igreja, sacramento radical

A concepção da Igreja como sacramento não é uma novidade trazida pelo Concílio Vaticano II, mas a retomada de uma concepção presente já na literatura bíblica⁴⁵², dos Padres da Igreja e, embora ofuscada e sem grande relevância, também na Idade Média. Entretanto, constitui para a modernidade uma mudança eclesiológica importantíssima, pois impõe uma nova concepção do que é a comunidade de fé, gerando “uma espécie de *decentração* da Igreja com relação a

⁴⁴⁹ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Cristo, sacramento do encontro...*, p. 53.

⁴⁵⁰ Cf. Ibid., p. 54.

⁴⁵¹ Embora a expressão “Sacramento primordial” seja aplicada com propriedade à pessoa de Cristo, E. Schillebeeckx e O. Semmelroth aplicam-na também à Igreja, designando-a “sacramento primordial de Cristo”. Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Cristo, sacramento do encontro...*, p. 60.

⁴⁵² “Embora, no Novo Testamento, mal se encontre uma expressa caracterização da Igreja como sacramento e na Patrística seja muito rara, não existe, provavelmente, nenhuma expressão mais apropriada para a originária visão da Igreja do que a categoria sacramental”. Cf. BARAÚNA, G., op. cit., p. 397.

si mesma e colocando-a em relação a Cristo”⁴⁵³. Fornece uma nova chave de leitura para uma nova consciência eclesial, fundamentada na encarnação e, de modo mais amplo, no evento da salvação em Jesus Cristo⁴⁵⁴.

Apesar disso, o Concílio foi cauteloso em sua formulação, pois na constituição sobre a Igreja (n.1), diz que ela é em Cristo “como um sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”. Contudo, a palavra “como” é omitida no texto do capítulo segundo⁴⁵⁵, onde afirma que a Igreja é convocada e constituída por Deus para ser um sacramento visível da unidade. Neste segundo capítulo a nota remete a Cipriano⁴⁵⁶, o qual assegura que a Igreja é o sacramento indissolúvel da unidade⁴⁵⁷.

Vários teólogos modernos aplicaram o termo sacramento à Igreja: M. Scheeben, E. Schillebeeckx, H.U.Von Balthasar, K. Rahner, Y.M.J. Congar. Sua retomada aconteceu na década de 30 com o movimento jesuíta francês de retorno às fontes – a *Novelle Theologie* - e teve como grande precursor e expoente o teólogo católico Henri de Lubac⁴⁵⁸, na sua obra *Catholicisme*, publicada em 1938, na qual diz que “se o Cristo é o Sacramento de Deus, a Igreja é para nós o sacramento de Cristo”⁴⁵⁹. Em *Méditation sur l’Eglise* faz as mesmas afirmações:

*A Igreja é um mistério, isto é, um sacramento. Lugar total dos sacramentos cristãos, ela é, ela mesma, o grande sacramento que contém e vivifica todos os outros. Ela é aqui em baixo o sacramento de Jesus Cristo, como Jesus Cristo, ele mesmo é para nós, na sua humanidade, o sacramento de Deus.*⁴⁶⁰ A Igreja, toda a

⁴⁵³ Cf. Ibid., p. 396.

⁴⁵⁴ Cf. TIHON, P. *A Igreja em* SESBOUÉ, B. (Org). *História dos dogmas: Os sinais da salvação*. Tomo 3. Loyola: São Paulo, p. 433.

⁴⁵⁵ LG 9.

⁴⁵⁶ Citação da Carta 69, 6 em LG 9.

⁴⁵⁷ Cf. SCHMAUS, M., *A fé da Igreja*. Vol. V. 2: Caráter sacramental da Igreja. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 7.

⁴⁵⁸ Nascido em Cambrai, na França, no ano de 1896, Henri De Lubac é um dos personagens que mais representa a última renovação teológica e seu pensamento atual. Jesuíta tomista, professor de Teologia Fundamental e História das Religiões nas faculdades católicas de Lyon, empreendeu junto à “Escola de Fourvière” um importante movimento de superação da estagnação de uma teologia escolástica que havia se estabelecido e se fechava às possibilidades de um diálogo com o pensamento contemporâneo.

⁴⁵⁹ “Si le Christ est le sacrement de Dieu, l’Eglise est pour nous le sacrement du Christ”. Cf. DE LUBAC, H. *Catholicisme: les aspects sociaux du dogme*. Paris: Cerf, 1983, p.50.

⁴⁶⁰ Cf. DE LUBAC, H. *Méditation sur l’Eglise*. Paris: Aubier, 1968, p. 164: “L’Eglise est un mystère, c’est-à-dire, aussi bien, un sacrement. <<Lieu total des sacrements chrétiens, elle est elle-même le grand sacrement qui contient et vivifie tous les autres. Elle est ici-bas le sacrement de Jésus-Christ, Comme Jésus-Christ lui-même est pour nous, dans son humanité, le sacrement de Dieu”

*Igreja, e só a Igreja, esta de hoje como a de ontem e a do amanhã, é o sacramento de Jesus Cristo*⁴⁶¹.

São as primeiras intuições, sem grandes elaborações. Idéias que não são originais de De Lubac, mas que ele recupera da literatura Patrística, sobretudo de Irineu e Cipriano⁴⁶², suas fontes principais. Vê na Igreja o “ponto de encontro dos desejos do homem e dos desejos de Deus”⁴⁶³. Teve o mérito de ser o primeiro a recuperar, na modernidade, esta concepção, que mais tarde seria aprofundada e sistematizada por O. Semmelroth e, posteriormente, por K. Rahner, que também deu grandes contribuições⁴⁶⁴.

Igual relevância teve a Encíclica *Mystici Corporis*, do papa Pio XII, lançada em 1943. Embora não designe a Igreja pelo nome de sacramento, o documento, que gira em torno da temática da Igreja como corpo, ofereceu grandes contribuições aos teólogos. Estes entenderam a corporalidade como a forma mediante a qual Deus encontra o ser humano e vice-versa, e nisto, o que a qualifica como sacramento.

O Concílio Vaticano II, valendo-se das contribuições desses teólogos também aplicou à Igreja o conceito de sacramento para determinar sua relação específica com o agir salvífico de Deus em prol do mundo⁴⁶⁵. Expressou com este conceito a unidade inseparável e a diversidade inconfundível entre a Igreja e a auto-comunicação de Deus em Jesus Cristo, no Espírito Santo. A Constituição sobre a Igreja começa afirmando que Jesus é a luz dos povos e que a Igreja é o reflexo dessa luz⁴⁶⁶. “Ela é como que o sacramento, isto é, sinal e instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo gênero humano”⁴⁶⁷. E é justamente neste sentido que a Igreja é entendida como sacramento da salvação, isto é, como o reflexo e sinal eficazes da salvação realizada pelo Pai, em Jesus Cristo. A Igreja

⁴⁶¹ “L’Eglise, toute l’Eglise, la seule Église, celle d’aujourd’hui comme d’hier et de demain, est le sacrement de Jesus Christ”. Cf. DE LUBAC, H. *Méditation...*, op. cit. p. 171.

⁴⁶² Cipriano denomina a Igreja “sacramentum unitatis”. Cf. citação de CIPRIANO. *De cat. Eccl. Unitate*, 4 em BORÓBIO, D., op.cit., p. 301.

⁴⁶³ Cf. DE LUBAC, *Catholicisme...*, op. cit., p.234.

⁴⁶⁴ Na verdade, H. De Lubac não teve a preocupação de uma sistematização ou um aprofundamento mais elaborado do tema, mas recuperar a teologia presente no início da Igreja, de forma especial, na Patrística, da qual De Lubac era grande conhecedor e se servia para fazer suas meditações. O mérito de O. Semmelroth em relação a H. De Lubac foi que ele sistematizou e aprofundou a problemática levantada pelo teólogo francês. Foi o primeiro, pode-se dizer, a sistematizar o tema. Cf. Ibid., p. 433; GIBELLINI, R. *A teologia do século XX*. Loyola: São Paulo. 2002, p. 182-191.

⁴⁶⁵ Cf. LG 1, 9, 48, 59; SC 5, 26; GS 42,45; AG 1,5.

⁴⁶⁶ Cf. KEHL, M., op. cit., p. 77-78.

⁴⁶⁷ LG 1.

é, no mundo de hoje, o meio pelo qual Cristo continua a realizar a sua obra redentora, o sinal ordinário pelo qual continua a levar os homens ao conhecimento da sua salvação: É o sacramento de Cristo para comunicar aos homens a vida nova⁴⁶⁸.

Assim entendemos em que sentido Jesus e a Igreja são designados como sacramentos:

*Sacramento é o eterno desígnio salvador de Deus que se revela e se realiza com eficácia entre os homens. Ou é ação e obra divinas nas quais Deus, enquanto manifesta seu plano salvador, o realiza sobre a terra para que os homens reconheçam o Deus salvante nessa velada Revelação e realização em curso, creiam nele, afirmem-no, deixem-se apreender por ele, e se salvem neste pessoal encontro com o Deus de sua salvação. É de Deus ao mesmo tempo uma ação e uma obra porque tanto a iniciativa e atividade divina quanto a sua execução podem ser assinaladas no interior do homem. É um sinal eficaz por ser uma expressão da força salvadora divina de cima nos homens e converte a si*⁴⁶⁹.

A Igreja é o sacramento primordial de Cristo, seu corpo sobre a terra⁴⁷⁰; encontra nele, sacramento do Pai, o fundamento e a razão da sua própria sacramentalidade. É sacramento enquanto Cristo é sacramento e enquanto participa da sacramentalidade do seu Senhor. É sacramento enquanto continuadora da sua obra salvífica sobre a terra. Daí, por exemplo, o motivo de O. Semmelroth denominar a Igreja não como *sacramento original* de salvação, mas *sacramento radical* de Cristo, vendo em Cristo o sacramento que dá origem a todos os outros sacramentos, e a Igreja como raiz plantada na pessoa de Cristo⁴⁷¹.

Isto significa dizer que a Igreja, que recebeu a salvação, tem a capacidade e missão de transmitir a salvação, não por seu próprio poder, mas como instrumento de Jesus Cristo. Isto lhe confere o caráter de um sacramento universal de segunda ordem. Possui uma função mediadora na comunicação da salvação⁴⁷².

Seus atos devem, como em Jesus, encarnar a palavra do Pai e torná-la palpável aos homens: “O homem de nossos dias sente-se psiquicamente onerado

⁴⁶⁸ Cf. PUEBLA 922.

⁴⁶⁹ Cf. BARAÚNA, G., *A Igreja do Vaticano II...*, p. 410.

⁴⁷⁰ Cf. 1Cor 12, 12-30.

⁴⁷¹ Cf. SEMMELROTH, O. *A Igreja como sacramento de salvação* em FEINER, J.; LOEHRER, M. *Mysterium salutis*: compêndio de dogmática histórico-salvífica. Vol. IV/2. Vozes: Petrópolis, 1975, p. 89-90.

⁴⁷² Cf. SCHMAUS, M., *A fé da Igreja*. Vol. V. 2..., p. 10.

de ver, precisamente quando busca uma fé interior, sincera e pessoalmente profunda, que a Igreja signifique tanto para uma fé assim” ⁴⁷³.

A Igreja, enquanto comunidade de fé, é também a comunidade dos fiéis, já que “são os fiéis o sujeito comunitário da fé em Deus”; “O indivíduo torna-se fiel em pleno sentido, não tanto pela opção individual isolada do seu interior, mas por integrar-se à comunidade de fé da Igreja, dando com isso à sua fé individual uma expressão histórica salvificamente determinada” ⁴⁷⁴, é o que chamamos de testemunho, que, segundo O. Semmelroth, possui dois aspectos: primeiro, o anúncio das maravilhas divinas por palavra e obra; segundo, a presença da Igreja como motivo de credibilidade ⁴⁷⁵.

D. Borobio apresenta três razões pelas quais a Igreja é sacramento: em primeiro lugar porque manifesta visivelmente as realidades invisíveis do Cristo e do Espírito; é um sinal histórico salvífico-social. Em segundo lugar, por que é testemunha-presença de Deus no mundo por seu comportamento ético: “E sereis minhas testemunhas” ⁴⁷⁶. Em terceiro lugar, pelos sinais que acompanham a sua atuação: “Ide, portanto e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do espírito Santo” ⁴⁷⁷.

E. Schillebeeckx afirma que “o homem messiânico Jesus é impensável sem a sua comunidade de salvação” ⁴⁷⁸. Recorre a Agostinho para dizer que “Cristo morre para que a Igreja nasça em sua morte” ⁴⁷⁹. Segundo ele a sacramentalidade da Igreja se dá também pela via carismática, isto é, da visibilização da graça pela atividade dos pastores e dos fiéis ⁴⁸⁰. Entende que a ministerialidade é um elemento constitutivo do ser eclesial e que a manifestação sacramental da Igreja realiza-se também de maneira formal, ministerial e funcional ⁴⁸¹.

Os sacramentos, neste contexto, tornam-se *auto-realizações da própria Igreja* para o cumprimento da sua missão, a partir da salvação de cada um de seus membros ⁴⁸². São atos do sacramento primordial que é a Igreja, expressão da

⁴⁷³ Cf. Cf. SEMMELROTH, O. *A Igreja como sacramento...*, p. 81-82.

⁴⁷⁴ Cf. Ibid., p. 83.

⁴⁷⁵ Cf. Ibid., p. 84.

⁴⁷⁶ At 1,8.

⁴⁷⁷ Mt 28,19-20.

⁴⁷⁸ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Cristo sacramento do Encontro...*, p. 53.

⁴⁷⁹ Cf. Ibid., p. 53.

⁴⁸⁰ Cf. Ibid., p. 58.

⁴⁸¹ Cf. Ibid., p. 55-56.

⁴⁸² Cf. BOROBIO, D., op. cit., p. 300-304.

comunhão na graça. São a atividade da salvação em Cristo sob a forma da aparição de um ato eclesial ⁴⁸³.

A consciência de uma Igreja sacramental afeta diretamente a atuação e a consciência que os fiéis têm da sua participação na Igreja e do seu papel no mundo. Vivemos num tempo de recuperação do valor do leigo como membro ativo da Igreja; tempo de desafios no que se refere ao ecumenismo e à comunhão entre as religiões. Tempo em que a presença da Igreja em muitos continentes começa a ser escassa e a laicização dos Estados se torna fator determinante para o cerceamento das atividades evangelizadoras, senão até a sua proibição. Tempo, enfim, em que a falta de sentido e grande variedade de alternativas religiosas, todas requerendo para si o primado da verdade, aliados à falta de testemunho por parte daqueles que dizem crer, fazem com que cada vez mais cresça o número daqueles que se dizem sem religião, ou ainda, ateus.

Ser sacramento de salvação, sinal vivo da presença ativa de Cristo no mundo, é mais que um privilégio, tornou-se uma necessidade. Talvez por isso o Concílio tenha definido o tema da sacramentalidade da Igreja como um dos seus mais importantes conceitos e definições. Ser sacramento de Cristo é perceber-se um membro ativo deste grande corpo, que é a Igreja. É reconhecer que na sua missão evangelizadora não somos apenas expectadores, mas protagonistas principais.

Esta consciência também se faz presente na compreensão dos ritos sacramentais. Depois do Vaticano II, os sacramentos deixaram de ser entendidos somente como atos do sacrifício de Cristo para serem compreendidos também como expressões da sacramentalidade da Igreja. Aliás, esse passa a ser o foco principal da teologia sacramental. Sem deixar de lado o elemento sacrificial, passa-se a enfocar a dimensão comunitária dos sacramentos. É o que nos propomos a aprofundar em seguida.

5.4

Ritos sacramentais: manifestações da sacramentalidade eclesial

O mistério da salvação que nós chamamos sacramento é também o mistério da união da palavra salvadora ao sinal salvífico instrumentalizado. A cruz do

⁴⁸³ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Cristo, sacramento do encontro...*, p. 60.

Gólgota está presente de um modo dinâmico-atuante nos sinais sacramentais. Em cada um deles se mostra um aspecto concreto sob o qual se torna presente o sacrifício da cruz. Na ceia Eucarística, por exemplo, encontramos o mesmo sacrifício pessoal de Jesus ao Pai. Por meio dele tornam-se presentes a morte e a ressurreição do Senhor e se cria e aprofunda a comunhão dos irmãos entre si e destes com Deus. Já na Crisma se atualiza a cruz de Cristo sob o aspecto de que nesta o salvador se opôs vitoriosamente ao mal à vista de todo o mundo⁴⁸⁴.

Primeiramente devemos dizer que os sacramentos só podem ser compreendidos corretamente se os entendemos em comunhão com a perspectiva geral da História da Salvação. Estes são uma forma especial de transmissão da salvação pela palavra sinalizada. A Meta dos sacramentos é estabelecer um diálogo entre Deus e os homens e dos homens entre si. Através da palavra e do sinal a salvação se torna inteligível e eficaz. Em virtude da sua transcendência, Deus não pode ser visto e ouvido imediatamente. Sua comunicação com a humanidade só se torna possível mediante o uso de instrumentos audíveis, visíveis e concretos. Este instrumento é, sobretudo, a Igreja, que está capacitada para esse fim em virtude da sua união com Cristo⁴⁸⁵.

Isto só se torna compreensível se entendemos a relação de Cristo com a Igreja e do Pai com Cristo. Após ter cumprido todo o plano da salvação, Cristo voltou para o Pai. Hoje, ele se faz presente no mundo por meio da Igreja. Por meio dela se dá o chamado para o seguimento a Cristo. Quem se deixa captar por esse chamado, participa do movimento vital de Jesus Cristo, cabeça desta comunidade, pois na Igreja está presente a vida de Jesus. E aqui está a sacramentalidade da Igreja.

Neste contexto é que devem ser entendidos os sete ritos sacramentais, como concreções, sínteses, manifestações da sacramentalidade total da Igreja. Manifestações que se adequam às situações vitais do indivíduo e da comunidade eclesial.

A comunidade necessita de uma festa (Eucaristia). Tem necessidade de um rito de aceitação para os novos membros (Batismo). Requer uma contínua reflexão sobre si mesma e auto-renovação (Penitência). Ela há de superar o problema da enfermidade e da morte (Unção dos Enfermos). Necessita de uma ordem interna (Ordem). Há de resolver o problema de como cada cristão realiza sua fé em Cristo

⁴⁸⁴ Cf. SCHMAUS, M. *A fé da Igreja*. Vol. V.2..., p. 16.

⁴⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 16-17.

*dentro da vida diária diante das tentações (Confirmação). Além disso, o homem e a mulher devem realizar seu encontro sexual dentro da comunidade marcada por Cristo em forma adequada à sua fé nele (Matrimônio)*⁴⁸⁶.

De acordo com a fé católica, todos os sete ritos foram instituídos, direta ou indiretamente, pelo próprio Cristo. Entretanto, uma análise cuidadosa da Sagrada Escritura nos mostra que alguns dos sacramentos sequer são mencionados por ele. Ora, só podemos falar sobre a vontade de Cristo de instituir os sacramentos se na Sagrada Escritura encontrarmos textos que pelo menos germinalmente dêem testemunho dessa vontade. E de fato encontramos tais pontos de apoio. Estes se referem, sobretudo, ao Batismo e à Eucaristia, sobre os quais encontramos textos diretos⁴⁸⁷. Quanto aos demais sacramentos, pode-se dizer que a Sagrada Escritura nos dá apenas indícios e que sua raiz está no período apostólico. A modalidade dos sinais continuou a se desenvolver para além do século I, de acordo com as necessidades do tempo, mas sem abandonar o núcleo do seu conteúdo fundamental⁴⁸⁸.

O ato do Concílio de Trento de estabelecer uma ordem diversificada para os sacramentos, ressaltando o Batismo e a Eucaristia sobre todos os outros, se harmoniza perfeitamente com a diferença relativa à clareza do testemunho e à modalidade do sinal no Novo Testamento⁴⁸⁹.

O sinal sacramental é a manifestação e a forma de comunicação divina da salvação, que é a Graça. Não se trata de um recipiente, no sentido de que o sinal contém em si mesmo o que comunica, como dizia a Escola de Hugo de São Victor, no período Escolástico, mas de uma espécie de “agente comunicador”, no sentido de que o sacramento é um “símbolo real” daquilo que evoca, um instrumento tal como uma corporalização social e histórica daquilo que significa, a Graça. O valor não está no sinal em si, mas na graça que ele comunica. Ora, na medida em que se atribui o valor ao sinal comunicador, e não ao que é comunicado, pode-se desembocar numa espécie de magia ou superstição, atribuindo um poder divino a uma simples criatura⁴⁹⁰.

⁴⁸⁶ Cf. SCHMAUS, M. *A fé da Igreja*. V. 2..., p. 20.

⁴⁸⁷ Lc 22,14-20; Mc 14, 22-25; Mt 26, 26-29; Lc 3, 21-22; Mc 1, 9-11; Mt 3, 13-17.

⁴⁸⁸ Cf. SCHMAUS, M. *A fé da Igreja*. V. 2..., p. 21.

⁴⁸⁹ Cf. Ibid., p. 21.

⁴⁹⁰ Cf. Ibid., p. 27.

Esta realidade pode ser compreendida ainda melhor levando-se em conta que o sinal está essencialmente constituído pela palavra. Isto significa dizer que enquanto se anuncia o projeto salvífico de Deus, torna-se evento a sua vontade salvífica. É o que Karl Rahner chamou de *causa sine qua non*, isto é, os sacramentos, não como simples sinais externos, mas como forma e caminho da autocomunicação divina. Exercem sua eficácia pelo ato de significação. Têm uma função não só interpretativa, mas também criadora, no sentido de que faz acontecer aquilo que significa e é anunciado⁴⁹¹.

Também os sacramentais (pequenos sacramentos) devem ser compreendidos a partir da sacramentalidade geral da Igreja. Compreendem-se sob este termo aquelas bênçãos e consagrações pelas quais a Igreja ora sobre determinados objetos e lugares, a fim de que as pessoas que os usam com devoção cresçam na fé e na caridade. Estes provocam e convidam os fiéis a estenderem para quotidiano de suas vidas os sinais da santidade e da graça salvífica de Cristo⁴⁹².

Devido à sua relevância, vamos agora abordar alguns sacramentos particularmente. Tendo em vista que o foco do nosso trabalho não está nos ritos sacramentais em si, mas em que sentido eles manifestam a sacramentalidade eclesial, não discorreremos sobre todos os sacramentos, mas nos limitaremos aos ritos da iniciação cristã, por sua importância e características.

5.4.1 **Batismo**

O Batismo é o sacramento que nos introduz na vida Igreja. Ocupa um dos lugares de maior importância entre todos os sacramentos. Pode-se dizer que ele configura e determina toda a vida cristã. É o sacramento através do qual a Igreja incorpora a si novos membros, assegura e amplia incessantemente a sua existência. Mas não somente isto. É, também, um elemento salvífico. Desde o início, pertence ao conteúdo do anúncio da fé. Segundo as Escrituras, a pregação precede ao Batismo e interpreta a existência do batizado. Neste contexto, o Batismo aparece como a resposta de fé à pregação e como a base da existência cristã, sinal concreto da adesão do convertido à pessoa de Cristo. Pela adesão

⁴⁹¹ Cf. Ibid., p. 28.

⁴⁹² Cf. Ibid., p. 35.

formal, através do batismo, o novo crente é enxertado no corpo de Cristo, que é a Igreja, e, por ele, no mistério salvífico cristão⁴⁹³.

O Novo Testamento trata do Batismo sob a perspectiva de uma nova vida. Vê o Batismo como um banho renovador e regenerador⁴⁹⁴. Uma vez batizado, o cristão deve levar uma vida afastada do mal e do pecado e deixar que a Luz de Cristo, recebida no sacramento, a salvação, irradie por toda a sua vida e daqueles com os quais convive⁴⁹⁵.

O sentido que mais se destaca é o de destruição e morte, imagem presente já no Antigo Testamento, nos eventos do dilúvio e da travessia do Mar vermelho⁴⁹⁶, entre outros. Esses dois simbolismos são freqüentemente aplicados ao batismo cristão⁴⁹⁷ e fazem referência à morte e ressurreição do Senhor⁴⁹⁸. Segundo as Escrituras, o batizado é aquele que morreu com Cristo para viver uma nova vida, segundo a Graça de Deus. Proveniente do aramaico, a expressão “ser batizado” alude à idéia de submersão e elevação. Submersão enquanto passagem pela morte de Cristo, e ressurgimento para a nova vida⁴⁹⁹. Trata-se de uma passagem da morte ao pecado e à injustiça para a vida na bondade e na graça “crísticas”.

Assim como os judeus seguiram Moisés e passaram, com ele, pelas águas da morte, simbolizadas pelo mar vermelho, e encontraram, dessa maneira, a vida e a liberdade, do mesmo modo os cristãos que agora seguem o destino de Jesus até a morte, que se expressa simbolicamente pelas águas do batismo, encontram no sacramento o destino de sua vida e a verdadeira liberdade⁵⁰⁰. Morrer com Cristo significa morrer para o mundo e para os seus poderes⁵⁰¹, para escravidão da lei⁵⁰² e a vida no pecado⁵⁰³.

A morte de Jesus, portanto, é a chave para a compreensão do Batismo cristão. O batizado é a pessoa que assume na vida o destino da morte de si pelos

⁴⁹³ Cf. Ibid., p. 109.

⁴⁹⁴ Cf. Tt 3,5; Ef 5,26; Hb 10, 22.

⁴⁹⁵ Cf. Rm 6,4; 1Jo 3,9.

⁴⁹⁶ Cf. Gn 7,18-24; Ex 14.

⁴⁹⁷ Cf. 1Pd 3,20s; 1Cor 10,1s.

⁴⁹⁸ Cf. Rm 6,3-5.

⁴⁹⁹ Cf. SAMANES, C. F.; ACOSTA, J. T., op. cit., p. 41.

⁵⁰⁰ Cf. Ibid., p. 42.

⁵⁰¹ Cf. Cl 2,20.

⁵⁰² Cf. Rm 7,6.

⁵⁰³ Cf. Rm 6,6.

outros, que entrega sua vida livremente pela salvação do próximo. Ele deve morrer para tudo aquilo que não seja a vida que o Senhor o ensinou⁵⁰⁴.

A primeira consequência dessa adesão é que quem o recebe é revestido de Cristo⁵⁰⁵. Pelo Batismo a mesma vida de Cristo está presente e age naquele que o recebeu⁵⁰⁶. Trata-se de uma referência à mudança ontológica operada pelo sacramento naquele que o recebe, mas também à conduta que deve assumir a partir dessa nova constituição.

Outro aspecto de grande relevância diz respeito à relação entre o batismo e à ação do Espírito Santo. A presença do Espírito no batizado é característica essencial e específica do batismo cristão. Segundo os relatos do Novo Testamento, o batismo cristão não é só um batismo na água, como o de João, mas o próprio mover do Espírito na vida do crente⁵⁰⁷. O Espírito também é o fundamento da experiência de força, amor, alegria e liberdade que impulsionou e impulsiona ainda hoje tantos homens e mulheres à experiência da missão, da comunhão e do serviço⁵⁰⁸. Trata-se de uma experiência forte que age com energia na vida do cristão e o impulsiona a testemunhar⁵⁰⁹ com audácia, liberdade e autoridade a mensagem de Jesus⁵¹⁰.

Neste sentido, o batismo só pode ser entendido a partir do mistério pascal de Cristo, o qual compreende sua morte, ressurreição e o derramamento do Espírito sobre a Igreja, no evento de Pentecostes. A Igreja é a manifestação histórica desse mistério, seu sinal visível para a humanidade. Ela é, no mundo, o sinal visível da páscoa eterna⁵¹¹. E o Batismo é um dos modos pelos quais a Igreja atualiza esse mistério na vida dos crentes.

Da mesma maneira que a passagem pelo Mar Vermelho foi, para os israelitas, a passagem da escravidão à liberdade e o que os vinculou ao destino de Moisés⁵¹², assim também o batismo cristão se tornou a experiência fundamental

⁵⁰⁴ Cf. SAMANES, C. F.; ACOSTA, J. T., op. cit., p. 43.

⁵⁰⁵ Cf. Gl 3,27.

⁵⁰⁶ Cf. Rm 6,3; 11,36; 1Cor 8,6; 12,13; Ef 2,15.21-22.

⁵⁰⁷ Cf. Mt 3,11; Mc 1,8; Lc 3,16; Jo 1,33; At 1,5; 10,47; 11,15-17; 19,3-5; 1Cor 12,13.

⁵⁰⁸ Cf. Mc 13, 11; Mt 10, 20; Lc 2,27; At 13,4; 20,23; Lc 10,21; At 9,31; Rm 5,5; 14,17; 15,30; 1Cor 13,13; 2Cor 3,17.

⁵⁰⁹ Cf. At 1,8; 4,31.

⁵¹⁰ Cf. SAMANES, C. F.; ACOSTA, J. T., op. cit., p. 43.

⁵¹¹ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Cristo, sacramento do encontro...*, p. 161.

⁵¹² Cf. 1Cor 10,2.

de liberdade. Não se trata de uma libertação para a libertinagem ⁵¹³, mas uma libertação do pecado e da vida profana ⁵¹⁴.

De acordo com os elementos que se podem apreender da comunidade primitiva, o Batismo é, desde o início, entendido como a porta de entrada para a recepção na comunidade de salvação ⁵¹⁵. Por ele tornamo-nos membros do povo de Deus, povo que é Filho do Pai, pela virtude do Espírito de filiação que já nos é dada no Batismo. Por ele também somos inseridos nessa mesma força do Espírito, a fim de rendermos culto filial ao Pai ⁵¹⁶.

A Igreja, sacramento de salvação, é também a comunidade dos batizados, daqueles que foram configurados a Cristo por sua morte e ressurreição. Por sua vocação batismal, tem que ser, no mundo e na sociedade, a comunidade dos que livre e conscientemente assumiram um destino de vida: sofrer e dar a vida pelos outros. É a comunidade dos que se revestiram de Cristo e que, por este motivo, devem reproduzir na própria vida o que foi a vida de Jesus.

Enfim, depois de tudo o que dissemos só podemos entender que o Batismo que é um sacramento fundamental para a compreensão da sacramentalidade eclesial. Ele constitui a base da experiência cristã, a razão pela qual devemos ser Cristo para o mundo. Tal como no Batismo esta exigência também brota da Eucaristia, sacramento de tão grande importância para a vida de fé da Igreja e para o aprofundamento do nosso estudo.

5.4.2 Eucaristia

A Constituição sobre a Igreja afirma que o sacrifício Eucarístico é a “fonte e o centro de toda a vida cristã” ⁵¹⁷. Dela a Igreja “vive e cresce” ⁵¹⁸. Já o Documento *Ecclesia de Eucharistia*, recuperando o texto da Constituição, afirma que “a Igreja vive da Eucaristia” ⁵¹⁹. A Eucaristia ocupa lugar central na vida da experiência eclesial:

⁵¹³ Cf. Rm 6,1.

⁵¹⁴ Cf. SAMANES, C. F.; ACOSTA, J. T., op. cit., p. 44.

⁵¹⁵ Cf. At 2,41.

⁵¹⁶ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Cristo, sacramento do encontro...*, p. 164.

⁵¹⁷ Cf. LG 11

⁵¹⁸ Cf. LG 26

⁵¹⁹ Cf. JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia*. 12ªed. São Paulo: Paulinas, 2005, n.1, p. 3

*Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual ‘Cristo, nossa Páscoa, foi imolado’ (1Cor 5,7), realiza-se também a obra da nossa redenção. Pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cf. 1Cor 10,17)*⁵²⁰.

Desde o princípio os cristãos reconheceram o vínculo existente entre a Eucaristia e a vida fraterna. Este vínculo pode ser verificado na própria Sagrada Escritura. A última ceia celebrada por Jesus com seus apóstolos foi verdadeiramente uma cena de comunhão. O rito da fração do pão significava antes de tudo que ao redor da mesa se estabelecia uma verdadeira comunidade. A comunhão no mesmo cálice significava a mesma sorte, o mesmo destino com aquele que lhes dava de comer e beber, uma partilha de vida⁵²¹. “Ao oferecer-lhes o seu corpo e sangue como alimento, Cristo envolvia-os misteriosamente no sacrifício que iria consumir-se dentro de poucas horas no Calvário”⁵²².

Paulo fala de um só pão partido e de um só cálice distribuído entre todos⁵²³. Já a *Didaqué* nos diz que a Eucaristia é o Sacramento prefigurativo da comunhão de todos no Reino: “Da mesma maneira como este pão quebrado primeiro fora semeado sobre as colinas e depois recolhido para tornar-se um, assim das extremidades da terra seja unida a ti a tua igreja (assembléia) em teu reino; pois tua é a glória e o poder pelos séculos! Amém.”⁵²⁴. Quando, provavelmente na África, em meados do século III, aparece a forma explícita do simbolismo da água e do vinho na liturgia, Cipriano vê no símbolo destas duas substâncias mescladas, tanto a unidade de todos os cristãos com Cristo como a unidade mútua entre eles mesmos⁵²⁵. Esta unidade tem seu fundamento em Deus e é fruto do Batismo, que a Eucaristia leva à consumação⁵²⁶. O efeito principal da Eucaristia está, portanto, na inserção no Corpo de Cristo. Corpo que tem como cabeça o Senhor ressuscitado, é vivificado pelo Espírito e formado pelos membros batizados.

A incorporação em Cristo, realizada pelo Batismo, renova-se e consolida-se continuamente através da participação no sacrifício Eucarístico, sobretudo na sua forma plena que é a comunhão sacramental. Podemos dizer que cada um de nós recebe Cristo, mas também que Cristo recebe a cada um de nós. Ele intensifica sua amizade conosco: “Chamei-vos amigos” (Jo 15,14). Mais ainda, nós vivemos por

⁵²⁰ Cf. LG 03

⁵²¹ Cf. TILLARD, J. M. R. *Carne de la Iglesia...* p. 44.

⁵²² Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia...*, n.21.

⁵²³ Cf. 1Cor 10,17.

⁵²⁴ Cf. DIDAQUÉ: *Catecismo dos primeiros cristãos*. 4ªed. Petrópolis: Vozes, 1983, n. 9,4, p.32.

⁵²⁵ Cf. TILLARD, J. M. R. *Carne de la Iglesia...*, p. 46.

⁵²⁶ Cf. *Ibid.*, p. 47.

*ele: “O que me come viverá por mim” (Jo 6,57). Na comunhão Eucarística, realiza-se de modo sublime a inabitação mútua de Cristo e do discípulo: “permanecei em mim e eu permanecerei em vós”*⁵²⁷.

Nos primeiros séculos os sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Crisma e Eucaristia), além de nunca serem pensados de forma separada, eram concedidos juntamente, numa única celebração. Nesta unidade ritual a Eucaristia constituía o momento sacramental em que se significava e se selava a inserção do novo membro de Cristo no Corpo onde viveria a nova vida⁵²⁸.

Segundo Agostinho, na Eucaristia a Igreja recebe aquilo que ela mesma é, um único pão, sinal da unidade dos fiéis. Através do pão e do vinho, pela ação do Espírito, o sacrifício redentor de Cristo é renovado na comunidade dos fiéis. Do mesmo modo, os membros da Igreja devem ter a sua vida animada e movida pela graça de Deus, transformada todos os dias em hóstia viva, oferecida com Cristo, ao Pai. Pelo Espírito, os cristãos, membros do único corpo, formam uma unidade inseparável⁵²⁹.

A Eucaristia também é o sinal evidente da catolicidade da Igreja, não somente no sentido da sua presença e expansão nas diversas partes do mundo, mas também como a entende Agostinho, isto é, como a atualização do mistério pascal em todas as situações da vida humana. Isto significa dizer que após a sua ressurreição, Cristo segue vivendo os dramas humanos por sua unidade inseparável com o seu corpo, a Igreja⁵³⁰. O resultado da encarnação é que ele continua inseparável do seu corpo eclesial, e por isso mesmo, ainda padece tribulações, não mais em sua carne, mas naqueles que fazem parte da comunhão da Igreja⁵³¹.

A catolicidade da Igreja de Deus, por conseguinte, não se limita a uma reunião da totalidade das pessoas tomadas individualmente. A Igreja é também a comunhão entre si de todas as comunidades humanas reconciliadas em Cristo com suas riquezas e pobreza, suas histórias e seus projetos. Em uma palavra, é a humanidade nova, onde a imensa variedade da obra criadora e o enriquecimento que o lhe proporciona o gênio humano se inserem no amplo mistério do amor, que tem a sua fonte no coração de Deus. A catolicidade da Igreja tem toda esta

⁵²⁷ Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia...*, n.22.

⁵²⁸ Cf. TILLARD, J. M. R. *Carne de la Iglesia...*, p. 48.

⁵²⁹ Cf. *Ibid.*, p. 53-55.

⁵³⁰ Cf. *Ibid.*, p. 63.

⁵³¹ Cf. *Ibid.*, p. 64.

*amplitude. (...) É eucarística. Porque a carne da católica é a do corpo dado, celebrado e reunido na mesa do Senhor. Agora se compreende o porquê*⁵³².

A unidade da Igreja não consiste na soma dos seus membros, mas em deixar-se integrar pelo Espírito na comunhão onde todo o humano, com suas diferenças, diversidade, gozos e penas, se convertem em uma unidade sólida com Cristo no amor da cruz e da ressurreição⁵³³. O corpo de Cristo é corpo de comunhão. Na mesa eucarística os grãos de trigo, que são os crentes, se convertem, pelo fogo do Espírito, num único pão, tal como o que recebem, que é o Cristo assumindo a humanidade reconciliada⁵³⁴. A força e a coesão dessa unidade vêm do próprio Senhor, que é em si mesmo, com o Pai e o Espírito, mistério de unidade⁵³⁵.

São João Crisóstomo penetra no mistério desta unidade sob a luz do evangelho da reconciliação. Mostra que a comunhão com Cristo acaba com toda distinção de raça, cor, dignidade ou classe social. Em Cristo somos todos iguais. Na fonte batismal e na mesa eucarística não existem preferências ou privilégios⁵³⁶. Esta igualdade fundamental dos batizados ante os sacramentos do Batismo e da Eucaristia é carregada de implicações e significados para a vida da Igreja. Em especial, a solidariedade para com os mais pobres e sofridos. Socorrer e servir a um desses pequeninos é fazer da vida cristã objeto de louvor e sacrifício a Deus. É renovar na história o mesmo sacrifício de Cristo na cruz, dar a vida pelos que necessitam. A Eucaristia, portanto, possui uma dimensão de comprometimento social e histórico irrenunciável. A participação na ceia deve nos levar necessariamente a uma atitude de compromisso e responsabilidade para com o mundo⁵³⁷.

O pão e o cálice são o foco de uma comunhão evangélica chamada a atualizar-se em gestos, em atitudes, em sentimentos de solidariedade quotidiana, alicerçados no amor e na fidelidade à Palavra de Cristo. Seria mister que os membros de Cristo e as comunidades cristãs entre si vivessem de verdade esta

⁵³² Cf. Ibid., p. 88-89.

⁵³³ “Desde então e até o fim dos séculos a Igreja edifica-se através da comunhão através da comunhão sacramental com o Filho de Deus imolado por nós”. Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia...*, n.21.

⁵³⁴ Cf. TILLARD, J. M. R. *Carne de la Iglesia...*, p. 70.

⁵³⁵ Cf. Ibid., p. 83.

⁵³⁶ Cf. Ibid., p. 75.

⁵³⁷ Cf. Ibid., p. 79.

proposta formando um só coração e uma só alma, um só corpo por onde circulasse nada mais que o amor. A Eucaristia é por sua própria natureza o sacramento da Igreja, da Igreja de comunhão.

5.4.3 A Crisma

Inicialmente, convém dizermos que houve grande resistência para se compreender e aceitar a crisma como um sacramento “autônomo”, desvinculado do Batismo. Primeiro porque ela constitui, juntamente com o Batismo e a Eucaristia, o rito completo de iniciação à vida cristã e, por isso mesmo, não pode ser pensada separadamente. Depois, porque ambos estão ordenados ao mistério pascal de Cristo, integralmente, tanto à Páscoa como ao Pentecostes. Além disso, tanto o Batismo como a Crisma são sinais integrais da vida e da atividade da Igreja⁵³⁸.

A Crisma se desenvolveu a partir do rito de iniciação cristã que originalmente era um só, chamado de batismo, na Igreja primitiva⁵³⁹ e não é, como se diz, o sacramento de Pentecostes, mas tanto quanto o Batismo é o sacramento do mistério pascal de Cristo, que compreende tanto a sua morte e ressurreição, como o derramamento do Espírito em Pentecostes. O erro desta afirmação está em pensar que o derramamento do Espírito é um acontecimento restrito à Crisma, ou que o derramamento que acontece no Batismo não é suficiente para mover a Igreja⁵⁴⁰.

Ora, o Batismo confere o Espírito tanto quanto a Crisma. A diferença entre esses dois sacramentos não está no fato de comunicar ou não o Espírito, mas nos efeitos que o Espírito Santo produz na vida do cristão a partir de cada um deles. A missão do Espírito no dia de Pentecostes deu início ao tempo da atividade sacramental eclesial, que durará até o retorno do Senhor. Além disso, deu início ao novo modo da presença de Cristo, tanto na Igreja de modo geral, como em seus membros particulares, através do seu Espírito. Mas o derramamento do Espírito também acontece no Batismo. Depois, a crisma não faz referência somente ao evento de Pentecostes, mas a todo o mistério pascal de Cristo.

⁵³⁸ Cf. SCHMAUS, M. *A fé da Igreja*. Vol. V.2..., p. 135.

⁵³⁹ Cf. SCHNEIDER, T., op. cit., p. 234.

⁵⁴⁰ At 2, 1-13.

Um outro equívoco é pensar a Crisma como o sacramento da maturidade ou “maioridade” cristã. Deste modo, o batismo é visto como o sacramento das crianças e a crisma, dos adultos. Ora, a crisma não vive e nem é valorizada por uma desvalorização do Batismo. Ambos tem o seu papel e o seu valor. Talvez o batismo de crianças tenha constituído a base para essa mentalidade. Mas essa distinção não tem nenhuma fundamentação no Novo Testamento, nem na Patrística, e nem mesmo na teologia medieval. Antes, contradiz a todas elas⁵⁴¹.

Toda essa problemática nos leva a pensar que o sentido específico da crisma ainda não está claro para todos e reflete a incerteza teológica a respeito da importância específica deste sacramento.

Perguntamo-nos então: Qual é a operação do Espírito na crisma, que de tal maneira se diferencia da transmissão do Espírito pelo Batismo, que se deve a um sacramento peculiar?

Não se conhece, no Novo Testamento, um rito próprio de concessão do Espírito, separado do Batismo, como regra de iniciação cristã⁵⁴². Para o Novo Testamento o dom do Espírito faz parte do evento batismal. Em duas passagens dos Atos dos Apóstolos a concessão do Espírito, parte integrante do Batismo, se encontra no contexto de uma imposição de mãos pelos apóstolos⁵⁴³. Na Epístola aos Hebreus, batizar e impor as mãos são mencionados com naturalidade um após o outro. Enumera a imposição de mãos, junto com o Batismo, a ressurreição e o juízo eterno entre os conteúdos fundamentais da doutrina cristã⁵⁴⁴.

Por outro lado, também se pode encontrar nos Atos dos Apóstolos o Batismo e o dom do Espírito sem fazer referência à imposição de mãos⁵⁴⁵. Além disso, trata uma única vez de um batismo cristão no qual o Espírito não foi concedido. Este fato se deu por ocasião das missões empreendidas pelos missionários do apóstolo Filipe, na Samaria. Somente quando Pedro e João lhes impuseram as mãos é que o espírito foi derramado, apesar dos sucessos na missão⁵⁴⁶. Já os textos de João falam do derramamento do Espírito como um

⁵⁴¹ Cf. SCHMAUS, M. *A fé da Igreja*. Vol. V.2..., p.135.

⁵⁴² Cf. SCHNEIDER, T., op. cit., p. 235.

⁵⁴³ Cf. At 8, 17s; 19,6.

⁵⁴⁴ Cf. Hb 6,2

⁵⁴⁵ Cf. At 2,38; 10, 44-48.

⁵⁴⁶ Cf. At 8,16s.

renascimento “da água e do Espírito”, sem necessariamente estar ligado a algum rito próprio de concessão⁵⁴⁷.

Na Patrística, encontramos vários testemunhos sobre a crisma. Trata-se da imposição das mãos seguida da unção com óleo, que se seguem ao Batismo. Mas nem sempre se pode saber com clareza se se trata de um ato que ainda pertence ao batismo ou do sacramento da crisma como distinto daquele. Foi somente no Concílio de Florença, por ocasião dos conflitos com os reformadores, que a crisma foi definida como um sacramento⁵⁴⁸.

Segundo a nova compreensão litúrgica- catequética, pautada sobretudo nas orientações do Vaticano II, pela comunicação do Espírito através da imposição das mãos na Crisma, os discípulos recebem nova força para dar testemunho daquilo que crêem⁵⁴⁹, bem como uma compreensão mais profunda e uma firmeza maior na fé⁵⁵⁰. A idéia do “selo”, recuperada pelo novo rito de 1971, serviu de base para esta nova compreensão. Significa, sobretudo para aqueles que foram batizados ainda criança, um sinal de decisão e de fé pessoal, tal como uma confissão de fé. Sublinha o aspecto de pertença à Igreja, com todos os direitos e deveres próprios da vida cristã. Representa ainda o comissionamento e o fortalecimento para o testemunho⁵⁵¹.

Na antiguidade, o gesto de imposição de mãos estava associado à idéia de dispensação e transmissão de vida, força, poder e benção⁵⁵². Também era utilizado para invocar a cura⁵⁵³ e como sinal de participação na mesma obra missionária⁵⁵⁴. Neste sentido, a imposição das mãos na Crisma simboliza a aceitação e inclusão na esfera de vida divina, cura da culpa alienante e o envio para a construção do Reino de Deus⁵⁵⁵.

De igual valor simbólico está a unção com o óleo, usado na antiguidade especialmente depois do banho, por causa do seu perfume. Também se usava a unção antes da luta para tornar o corpo escorregadio, difícil de ser agarrado. Em

⁵⁴⁷ Cf. SCHNEIDER, T., op. cit., p. 234.

⁵⁴⁸ Cf. SCHMAUS, M., *A fé da Igreja*. Vol.V.2..., p. 137.

⁵⁴⁹ Cf. Lc 24,19; At 1,8.

⁵⁵⁰ Cf. Jo 14,26; 16,13.

⁵⁵¹ Cf. SCHNEIDER, T., op. cit., p. 239.

⁵⁵² Cf. Gn 48,14s; Mc 10, 13-16.

⁵⁵³ Cf. Mc 5,23; 6,5; At 28,8.

⁵⁵⁴ Cf. Nm 27,15-23; Dt 34,9; At 6,1-6; 1Tm 4,14; 2Tm 1,6.

⁵⁵⁵ Cf. SCHNEIDER, T., op. cit., p. 236.

Israel, sacerdotes e reis eram empossados em seus cargos por meio da unção⁵⁵⁶. No Novo Testamento não se constata nenhum rito de unção em conexão com o derramamento do Espírito; no entanto, a “unção” se tornou a figura para designar a concessão do Espírito ocorrida no Batismo⁵⁵⁷.

A relevância deste sacramento para a vida sacramental da Igreja está na consciência mais amadurecida que se tem da fé, no compromisso do testemunho e na identidade que cada cristão deve assumir diante do mundo. Os sacramentos não podem ser reduzidos a meros gestos rituais, mas têm de nos projetar para um compromisso de vida concreto, caracterizado pela conversão pessoal e a transformação da sociedade pelo nosso diferencial de vida.

⁵⁵⁶ Cf. Ex 29,7; Lv 4,3; 1Sm 16, 1-13; 2Sm 2,4.

⁵⁵⁷ Cf. 2Cor 1,1s; 1Jo 2,20. 27.